

DOSSIÊ TEMÁTICO:

Fontes Documentais para a História da Educação

**O USO DAS FONTES NA PESQUISA
HISTORIOGRÁFICA: QUESTÕES
METODOLÓGICAS INICIAIS**

*Marlete dos Anjos Silva Schaffrath **

Resumo: O texto integra um trabalho de pesquisa docente recentemente concluído, cujo objeto é a investigação do lugar das fontes na pesquisa historiográfica e, mais especificamente, uma análise acerca do uso das fontes mais comuns neste tipo de pesquisa. Apresenta os resultados das primeiras aproximações com o tema e se constitui da seleção de alguns estudos que ajudam a situar o objeto de análise, sua problemática e, sobretudo, seus caminhos metodológicos. Pretende discutir em que medida os historiadores e pesquisadores da historiografia da educação podem significar as fontes em suas pesquisas. Considerando a hipótese de que o uso das fontes está irremediavelmente sujeito à perspectiva de análise do pesquisador (método), o que se tem visto são abordagens diversas sobre o papel das fontes nas pesquisas, assim como são distintos os significados que a elas se atribuem. Entretanto, há ainda pesquisadores para quem as fontes passam pela pesquisa apenas como instrumento informativo ou, quem sabe, mero efeito de ilustração (como o que acontece com o uso de fontes imagéticas), sem que incidam sobre elas reflexões que deveriam caracterizar melhor o seu papel na pesquisa.

Palavras-chave: Fontes. Pesquisa historiográfica.

* Professora Assistente da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: marleteuem@bol.com.br.

O interesse pelo estudo deste tema de pesquisa nasceu da necessidade de um tratamento adequado ao uso das fontes na pesquisa historiográfica, que é onde temos trabalhado ultimamente. Nossa participação em diversos grupos nos tem motivado a realizar pesquisas no campo da historiografia da educação e, também, a utilizar pesquisas cuja sustentação se dá pelas fontes documentais, imagéticas e outras. São fotografias, documentos antigos, documentos oficiais, sobre os quais (e sob os quais) traçamos um plano de pesquisa sem muitas vezes atentar para os critérios de sua utilização.

A pesquisa docente que dá origem a este texto se propõe a estudar o lugar das fontes na pesquisa historiográfica e, especificamente, detalhar uma análise do uso das fontes mais comuns neste tipo de pesquisa, a saber: documentos oficiais, relatórios e falas de Presidentes das Províncias, relatórios e registros da educação brasileira, fotografias e material de circulação periódica. Pretende investigar a caracterização destas fontes assim como os critérios de sua utilização.

Este texto vem especialmente tratar do trabalho inicial da pesquisa, que se constitui de um estudo preliminar com a finalidade de estabelecer as bases teóricas e metodológicas sob as quais se estabelecerá a pesquisa em si. Aqui se encontram descritas algumas considerações acerca dos conceitos que envolvem a História como ciência e são apresentados alguns argumentos a respeito do trabalho do historiador e do uso das fontes em suas pesquisas.

Mas, por que investigar os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa historiográfica antes de tratar propriamente das fontes?

Logo nos primeiros estudos, surgiram algumas questões de caráter metodológico que pareciam cruciais para o desvelamento de nosso objeto. E, neste momento, já não seria mais possível continuar nossa investigação sem antes revisitar as bases teóricas e metodológicas da pesquisa com fontes. A idéia era a de que, com os resultados das primeiras aproximações, constituir-se-ia um texto de orientação básica que serviria como ponto de partida para o trabalho de pesquisa e como norte ideológico para as escolhas e as análises que se fariam no encaminhamento da pesquisa.

Assim, retomamos algumas questões mais gerais acerca da História e da pesquisa historiográfica a fim de delimitar um caminho metodológico que servisse como suporte para as interpretações a serem realizadas na pesquisa. O texto que estamos apresentando, portanto, contém uma seleção de estudos e uma breve análise de suas propostas, que nos ajudam a situar nosso objeto de pesquisa (as fontes na pesquisa historiográfica), sua problemática e, sobretudo, seus caminhos metodológicos.

O interesse pelo estudo deste tema de pesquisa nasceu da necessidade de um tratamento adequado ao uso das fontes na pesquisa historiográfica, que é onde temos trabalhado ultimamente. Temos participado de grupos de pesquisa nesta área, a saber: o grupo de pesquisa em “Educação Pública”, ligado ao CNPq; e o grupo de pesquisa “Levantamento e catalogação de fontes primárias e secundárias de apoio à pesquisa em educação do DFE-UEM” ligado ao HISTEDBR (Unicamp). Nossa participação nestes grupos nos tem motivado a realizar pesquisas no campo da historiografia da educação e, também, a utilizar pesquisas cuja sustentação se dá pelas fontes documentais, imagéticas e outras. São fotografias, documentos antigos, documentos oficiais, sobre os quais (e sob os quais) traçamos um plano de pesquisa sem muitas vezes atentar para os critérios de sua utilização. Este tem sido o fator que mais tem influenciado nossos questionamentos acerca do uso das fontes de pesquisa.

O que se pode advogar em favor de um tema de pesquisa que se propõe a discutir o uso de fontes é o fato de que elas nos têm fornecido motes para pesquisas diversas; é com elas que construímos nossos objetos de análise, fazemos nossas investigações e, depois, as revelações. No entanto, ao mesmo tempo em que as fontes nos têm proporcionado historicizar nossos objetos, elas nos colocam um problema fundamental que é exatamente estabelecer, reconhecer os limites e as possibilidades de seu uso na pesquisa. A problemática fundamental neste trabalho é saber em que medida os historiadores e pesquisadores da Historiografia da Educação podem significar as fontes em suas pesquisas; saber de quais perspectivas eles devem partir.

Considerando a hipótese de que o uso das fontes está irremediavelmente sujeito à perspectiva de análise do pesquisador (método), o que temos visto são abordagens diversas sobre o papel das fontes nas pesquisas, assim como são distintos os significados que a elas se atribuem. Entretanto, há ainda aqueles pesquisadores para quem as fontes passam pela pesquisa apenas como instrumento informativo ou, quem sabe, mero efeito de ilustração, sem que incidam sobre elas reflexões que deveriam caracterizar melhor o seu papel na pesquisa.

De início, antes de tudo é preciso avaliar algumas questões metodológicas da História e só então discutir o uso das fontes nas pesquisas historiográficas. Não poderíamos, portanto começar sem antes revisitar a pergunta que se coloca para os historiadores/pesquisadores: O que é História? No livro de E. Carr, **Que é História**,¹ encontramos o fio condutor que pode nos levar à reflexão sobre esta questão. Para Carr (2002, p. 65), a História “se constitui de um contínuo processo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre passado e presente”. Para ele, o historiador e os fatos históricos têm uma relação de interação, ou seja, na medida em que o historiador analisa, interpreta um fato, ele o significa. Assim, o historiador sem os fatos é inútil, e o fato sem o historiador está morto; há, portanto, entre eles, uma relação de recíproca dependência.

Ainda segundo o autor, é preciso considerar que o historiador pertence a uma determinada época e, por isso, está ligado às condições de existência de sua sociedade. Daí depreende-se que o trabalho de interrogar as fontes para saber dos fatos e escrevê-los está irremediavelmente ligado às condições históricas do historiador.

Mas então a História é mera subjetividade do historiador? E quanto ao seu caráter científico? Numa sociedade cujos padrões científicos são estabelecidos pela lógica positivista, onde tudo se soma, tudo se divide, como se poderia conferir o grau de Ciência a um ramo do conhecimento que se propõe a analisar os fatos em interação com o pesquisador?

¹ CARR, E. H. *Que é história?* 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Vamos agora tentar localizar a relação entre o historiador e os fatos históricos e, ao mesmo tempo, levantar a questão da objetividade e da cientificidade da História.

Sempre que se coloca em discussão acadêmica o valor da História como ciência ou o valor da pesquisa histórica para a Ciência, aparece uma questão em torno da lógica científica que regula os estudos históricos. Thompson (1981), ao buscar caracterizar este processo, ao qual chama de “lógica histórica”, defende que a lógica da História se caracteriza diferentemente da lógica analítica e, por este motivo, não pode ser submetida aos mesmos critérios de definição. Para o autor, a “lógica histórica” é adequada a fenômenos que estão sempre em movimento, que evidenciam contradições, particularidades e processos. Para o autor:

Assim, a “história” não oferece um laboratório de verificação experimental, oferece evidências de causas necessárias, mas nunca (em minha opinião) de causas suficientes, pois as “leis” (ou, como prefiro, a lógica ou as pressões) do processo social e econômico estão sendo continuamente infringidas pelas contingências, de modos que invalidariam qualquer regra nas ciências experimentais, e assim por diante (THOMPSON, 1981, p. 48).

A partir daí, Thompson argumenta que a “lógica histórica” é um método lógico de investigação adequado à pesquisa histórica. Neste caso, o autor sustenta que o interrogador é a lógica histórica, o conteúdo da interrogação é a hipótese, e a evidência é o interrogado. Então, cada historiador, ao fazer perguntas e ao fazer perguntas de uma determinada maneira, traz à luz novos níveis de evidência. Isto quer dizer que nossos valores, nossas perspectivas de análise determinarão os significados de nossas pesquisas porque também significam os fatos que estão no passado. Neste sentido, pesquisar a história e, no nosso caso, pesquisar a história da educação é perguntar por ela, escolher estas perguntas e, conforme explica o autor, saber que:

Nosso voto nada modificará. E não obstante, em outro sentido, pode modificar tudo. Pois estamos dizendo que estes valores, e não aqueles, são os que tornam a história significativa para nós, e que estes são os valores que pretendemos ampliar e manter em nosso próprio presente (THOMPSON, 1981, p. 52).

O raciocínio de Thompson nos ajuda a compreender questões metodológicas importantes para a pesquisa historiográfica. Por ele, podemos inferir que a compreensão de nossos objetos de estudo depende fundamentalmente do olhar que lançamos sobre ele, do nosso *lugar*, do lugar histórico de onde estamos “perguntando às fontes”.

Também Lopes (1995), ao se referir às dificuldades de aceitar a História como ciência (na sociedade ocidental contemporânea), explica que, na concepção positivista, a História é entendida como sucessão de fatos isolados, sem qualquer relação com o observador; rumo ao progresso e, em cujo registro, estão apenas os grandes feitos da humanidade, as guerras, os personagens e heróis. Para a autora, a História pensada assim coloca a si própria a impossibilidade de adquirir o *status* de ciência posto hoje “já que sua matéria-prima – os fatos – seriam passados, únicos, irrepetíveis e, portanto, impossibilitados de se transformar em ‘lei’” (LOPES, 1995, p. 23).

Na perspectiva de Lopes (1995), portanto, se quisermos auferir à história o *status* de ciência, é preciso que admitamos seu caráter distinto, peculiar de um ramo do conhecimento que se impõe indiferente aos padrões das ciências “exatas”.

Agora vamos às fontes. Mas, o que são fontes?

Esta é outra questão que se impõe aos pesquisadores e, sobretudo, à discussão do seu papel na pesquisa historiográfica. As fontes podem ser definidas, conforme Cardoso (1981), como sendo qualquer tipo de informação acerca do devir social no tempo, levando-se em consideração os meios com que foi preservada e transmitida. Neste sentido, argumenta Cardoso (1981, p. 95):

Serão fontes históricas as redações que nos chegaram em papirus, tijolos de barro, paredes de monumentos, pergaminhos, papéis, etc.; objetos materiais diversos como templos, túmulos, moedas, móveis, quadros, etc.; restos ou contornos de paisagens agrárias, ou monumentos desaparecidos perceptíveis através da fotografia aérea feita em certas condições etc.

Ainda de acordo com Cardoso (1981), a classificação mais usual de fonte² é a que distingue: “fontes primárias ou diretas”, que seriam os documentos escritos (manuscritos ou impressos) publicados durante o próprio período estudado, ou depois, mas que tenham surgido em decorrência direta do tema pesquisado; e “fontes secundárias ou indiretas”, que se caracterizam pelos estudos realizados com as fontes primárias, que passam a configurar como material de pesquisa.

Cardoso (1981) aponta ainda uma segunda classificação para as fontes, qual seja, a de “fontes escritas”, que seriam majoritárias para a pesquisa histórica, e as “fontes não escritas”, que se constituem de materiais como fotos, entrevistas, material arqueológico, etc.

Esta descrição do conceito e das características de fontes de pesquisa é seguramente importante para o historiador. No entanto, há, no nosso entendimento, questões que se colocam como fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa historiográfica que não estão exatamente situadas no âmbito da conceituação, mas que se apresentam como preocupações com o método de investigação e uso das fontes em pesquisas. É sobre esta questão que investiremos algumas considerações.

Para Ragazzini (2001, p. 14), “as fontes são vestígios testemunhos que respondem às perguntas que lhes são apresentadas”. Para o autor, a fonte é o único contato possível com o passado, ela está lá, provém do passado, mas, ao ser interrogada e interpretada pelas formas de conhecimento do presente, deixa de ser passado e torna-se uma ponte com o presente, uma testemunha capaz de nos proporcionar conhecimentos sobre o passado.

Nossa relação com as fontes de pesquisa constitui-se, mormente, de dois modos distintos: o primeiro diz respeito à perspectiva de que o uso das fontes e suas abordagens devem ser inteiramente objetivos; e o segundo, à concepção que defende a subjetividade do intérprete para o uso das fontes. O autor lembra que, atualmente, as fontes são lidas de

² Aqui é preciso advertir que outros autores trazem esta discussão (do que são fontes) sob viés teórico distinto deste. São estudos que futuramente deverão fazer parte deste trabalho de pesquisa.

acordo com múltiplas relações, subjacentes a questões como a sua produção, seu modo de seleção, sua conservação e interpretação e que, por este motivo, devem-se evitar concepções que valorizam demasiadamente a objetividade no uso das fontes, assim como se deve atentar para a ênfase inadequada dos aspectos subjetivos ao se avaliar uma fonte de pesquisa. Segundo o autor, “é preciso revelar claramente todas as relações que compõem a cadeia que leva do sinal do passado ao signo, à significação, à interpretação da história” (RAGAZZINI, 2001, p. 16). Para Ragazzini, nesses termos, faz-se necessária uma discussão sobre o uso e os problemas das fontes para uma História da Educação, tanto do ponto de vista teórico, quanto da prática de pesquisa.

Ainda sobre as fontes, Fávero (2000) adverte que, embora utilizemos as fontes para conhecer os fatos e aprender mais sobre uma determinada realidade, devemos saber que este conhecimento não pode ser entendido como um dado definitivo e acabado. A autora explica que os conhecimentos produzidos pela realidade estão em constante aproximação do real, o que significa dizer que a eles podem ser acrescidos outros elementos, construindo-se, assim, novos conhecimentos.

O trabalho com fontes documentais se dá nesta perspectiva: trata-se de um constante diálogo do pesquisador com as fontes, mas um diálogo permeado por questões, dúvidas e cujo resultado nem sempre se constitui de análises precisas.

A este respeito, Nunes (1992) explica que a leitura que o historiador faz a partir do presente sobre o passado está organizada em função de problemáticas impostas por determinadas situações. São as chamadas “questões de nossa época”. A autora argumenta que algumas destas questões revelam, por um lado, o exercício de poder realizado pelo historiador ao escolher umas e preterir outras questões e, ao mesmo tempo, os limites desta escolha que estão definidos pelo lugar social de onde escreve e pelas práticas institucionais nas quais ele está mergulhado. Para Nunes (1992, p. 14), “É isto que faz da historiografia uma expressiva síntese entre um lugar, um trabalho e um discurso”.

Temos então as fontes chamadas do passado pelo presente e revelando o que se pergunta a elas. Mas o que as fontes podem dizer (dizer a cada um) não pode ser entendido como a verdade irrefutável dos fatos. O que podemos apreender das fontes são conhecimentos históricos, passíveis de modificação, de novas interpretações e novas descobertas e de resignificação. Os critérios da “Lógica Histórica” defendida por Thompson (1981) mais uma vez explicam que, para a História e, no nosso caso especialmente, para a pesquisa historiográfica com uso de fontes, não é permitido apresentar conclusões absolutas, imaginadas como verdades irrefutáveis acerca do passado interpretado pelo presente. Pode-se contar, afinal, com resultados de pesquisa que têm seu valor histórico, real e científico, mas que revelam também toda a dinamicidade e, por que não dizer, provisoriedade do conhecimento humano incidindo sobre os fatos históricos.

O que temos até aqui são elementos metodológicos que nos indicam algumas perspectivas de análise e, sobretudo, reforçam a relevância do tema de pesquisa. O conceito da História, as contribuições dos estudos da História, o lugar histórico do pesquisador/historiador, as fontes, seus conceitos, usos e interpretações são, todos eles, questões absolutamente necessárias ao desenvolvimento da pesquisa histórica. As discussões brevemente apresentadas buscaram situar a atualidade e centralidade do tema por um lado e, por outro, fornecer pistas de nossas pretensões de abordagens e perspectivas de análise ao final de nossa pesquisa.

THE USE OF THE SOURCES IN THE HISTORIOGRAPHICAL RESEARCH: INITIAL METHODOLOGICAL QUESTIONS

Abstract: This text is part of a teaching research recently concluded whose object is the investigation on the place of the sources in historiographical research and, specifically, an analysis on the use of the most habitual sources in this sort of research. This text shows the results of the first approaches to the theme, and was constituted from the selection of some studies which help situate the object of analysis, its problem and, above all, its methodological ways. It aims to discuss to what extent historians and education historiography researchers can signify sources in their researches. By considering the hypothesis

that the use of sources is exposed to the perspective of analysis belonging to the researcher (method), several approaches about the function of sources in researches have been seen, as well as the meanings attributed to them are distinctive. However, there are researchers that discern the sources only as an informative tool in the research, or, maybe, as mere illustration effect (as in the case of the use of imagetical sources), without the incidence of reflections on them which should better characterize their role in the research.

Key words: Sources. Historiographical research.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, C. F. **Uma introdução à História**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARR, E. H. **Que é história?** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FÁVERO, M. L. A. Pesquisa, memória e documentação: desafios de novas tecnologias. In: FÁRIA FILHO, L. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 101-116. (Col. Memória da Educação).

LOPES, E. M. T. **Perspectivas históricas da educação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

NUNES, C. O passado sempre presente. In: NUNES, C. (Org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 4).

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? **Revista Educar**, Curitiba, n. 18, p. 13-28, 2001.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.